



FEB - FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

"Conspira contra sua própria grandeza, o povo que não cultua os seus feitos heróicos"



ELIAS JOSÉ DO COUTO

HERÓI DA FEB



Elias José do Couto

A história narrada abaixo não é fruto da imaginação. Retrata a vida real de um cidadão rio-branquense, um grande herói que viveu humildemente, sem o merecido reconhecimento pelo seu protagonismo por tudo o que fez pela nossa Pátria.

Elias José do Couto era o seu nome. Nascido em 04 de agosto de 1919 na cidade mineira de Visconde do Rio Branco, filho de Isalino José do Couto e Constância Pereira Elias, era dessas pessoas que não contrariavam ninguém, amigo de toda gente, trabalhador, honesto, prestativo, ótimo filho, exemplar esposo, pai extremado, ex-craque de futebol (foi goleiro do Nacional Atlético Clube por muitos anos) e célebre pelas suas gostosas gargalhadas.

No final do ano de 1942, um tal cidadão **Geraldo** José do Couto, que também seria natural de Visconde do Rio Branco, foi convocado para servir à Pátria na luta contra o nazi-fascismo. Fato é que aquela pessoa não existia e o Secretário da Junta de Recrutamento Militar da cidade, não reconhecendo o seu erro, impôs a ida do pacato Elias, trocando-lhe, sem a menor formalidade, o prenome no documento de convocação, fazendo valer a penas o sobrenome de família, não obstante as alegações e as provas por ele apresentadas. O zelo no cumprimento da lei do então Secretário, à semelhança de Javert, personagem de Victor Hugo, transpôs as raias da racionalidade, acabando por submeter à duras provações o humilde pedreiro, que nem ao menos parentes tinha com o nome de **Geraldo**.

Com o novo nome que lhe fora arbitrariamente atribuído, seguiu então

para Juiz de Fora conforme determinação do "zeloso" funcionário. De lá, foi para São João del-Rei para ser incorporado ao 11ºRI. Quarenta e oito dias depois, foi movimentado para o Rio de Janeiro a fim de aprimorar o treinamento que até então havia recebido.

Em 22 de setembro de 1944, partiu para a Itália juntamente com os demais integrantes do seu Regimento, no 3º Escalão de embarque, sob o comando do Gen. Olympio Falconiêra da Cunha.

Depois de uma viagem cheia de sobressaltos e de grande tensão nervosa, gerada pela expectativa do que estaria por vir, desembarcou na cidade italiana de Nápoles, e posteriormente seguiu para Livorno, bem mais perto da zona de atuação destinada à Força Expedicionária Brasileira.

Ali mesmo, o predestinado herói fora escolhido para, juntamente dos colegas Wanderley Antônio de Melo e Nestor Alves da Costa, observar os combates do 6º R.I. que àquela altura já se encontrava em ação.

De volta à sua companhia original e após um mês de novas instruções para o combate, seguiu todo com o batalhão para o front de Monte Castello. Na manhã do dia 29 de novembro de 1944 começaram a subir o morro e avançaram bastante sobre o inimigo, mas no final da tarde receberam ordens do comando para interromper o ataque devido à forte resistência da tropa inimiga. Durante a retirada dos companheiros da 8ª Companhia do III Batalhão do 11ºRI, da qual Elias fazia parte, ele corajosamente, manteve-se na posição, garantindo o recuo da tropa em segurança. A sua determinação, senso de responsabilidade, de sacrifício pelos seus colegas de farda e a noção exata do cumprimento do dever, fizeram com que ele só abandonasse a sua posição depois de vê-los longe das

balas assassinas alemãs. A sua retirada deu-se em um cenário dantesco, debaixo do fogo contínuo das "Lurdinhas", de forte chuva, raios e relâmpagos.

Aquele ataque teve o alto custo de 190 baixas brasileiras, entre mortos, feridos e extraviados.

Posteriormente, na localidade de Bombiana, o Ten. Seixas e seis soldados, entre eles o Elias, estavam à frente dos demais homens do seu pelotão quando entraram em contato com o inimigo. Constatada a superioridade numérica dos alemães, o contingente brasileiro viu-se obrigado a recuar, mas o jovem tenente brasileiro e seus seis homens que iam à testa dos demais não tiveram como fazê-lo, travando uma luta de vida ou morte contra os nazistas.



Elias José do Couto

Elias foi ferido e com o corpo já estendido no chão, recebeu uma forte coronhada nas costelas do fuzil de um tedesco. Sem forças para se locomover, fingiu-se de morto, permanecendo imóvel durante horas, contendo-se para não emitir qualquer gemido da dor que sentia.

Uma patrulha alemã, composta de 15 homens, aproximou-se do suposto cadáver. Eles o viraram de um lado e de outro, tiraram dos seus bolsos cigarros e chocolate. Também pegaram a alimentação do bernal, a metralhadora de mão, a munição e todo o seu fardamento, deixando-o apenas com as roupas de baixo.

Elias já havia sido considerado desaparecido em ação pelos seus companheiros de farda, mas com o pensamento em Deus, em sua pátria, sua noiva e sua família, não se acovardou. Sentia-se honrado com a perspectiva de sacrificar-se por uma causa justa, mas sua alma era tomada de grande tristeza quando pensava na possibilidade de deixar a família desamparada, pois, juridicamente, o soldado que até então tinha lutado com destemor e que podia sucumbir aos ferimentos da batalha, não era o Elias, querido e estimado por todos seus amigos e familiares, e sim o Geraldo José do Couto, figura imaginária, que entraria para o rol dos sol-

dados desconhecidos se nada fosse feito para correção deste injustificável erro.

Um raio de luz aclarou-lhe o pensamento. Havia ainda uma esperança. O soldado Domingos Teixeira Valente, seu enterrâneo, conhecia a sua história e, na qualidade de amigo próximo e companheiro de patrulha, levaria sem dúvida, as necessárias notícias para os seus entes queridos no Brasil.

De repente, como que do céu surgiu uma voz fraca e suave aos seus ouvidos. Era Domingos, que impelido pela bravura do amigo e enterrâneo, voltou para lhe prestar socorro. Porém com a reaproximação de alguns elementos da patrulha inimiga, teve que voltar atrás e se esconder.

Aguardou ali o momento ideal e, sutil e ágil como um gato, agarrou Elias arrastando-o na escuridão da noite, de baixo de forte fogo dos tedescos. Em um dado momento, ao explodir uma granada próxima de si, Domingos jogou Elias para um lado, protegendo-o com seu próprio corpo. Naquele seu ato de infinita coragem e compaixão, Domingos foi ferido por um estilhaço na perna. Não obstante, continuou arrastando-se, e conseguiu chegar com o amigo, Elias, até as nossas linhas onde ambos receberam os curativos de emergência.

O dedicado e heroico companheiro, depois de baixar ao hospital por uns dias voltou ao "front".

Elias foi levado de avião para tratamento nos Estados Unidos da América. Recebeu o enxerto de duas costelas de platina e depois de 25 dias, já recuperado, voltou para o T.O. da Itália tomando parte da batalha de Montese em abril de 1945.

Pelo seu ato de extrema bravura, Domingos recebeu a Cruz de Combate de 1ª Classe (mais alta condecoração brasileira por ato individual de bravura).

Elias casou-se com a noiva, Sra. Dinah Miranda, com quem teve 5 filhos: Maria Constância, Carmen, Rita, Raquel e José. Até o fim de sua vida, em 2002, lutou para retificação do seu nome a fim de que as condecorações a que certamente tinha direito pudessem ser entregues à ele, e não a Geraldo José do Couto.

Adaptação do texto escrito pela Sra. Carmen do Couto, filha do herói febian, para o Jornal "Visconde do Rio Branco" de 11/07/1948.

* Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira - Regional BH - Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil - Sócio Correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil - Pesquisador Associado ao CEPHIMEX



Elias José do Couto e Dinah Miranda Couto



Visite o Museu da FEB

Aberto ao público de 2ª a 6ª feira de 09:30 às 16:30 h.

Sábado / Domingo de 09:30 às 13:00 h.

Belo Horizonte - Rua Tupis, 723 - Centro

Agendamos visitas e palestras somente no Museu. Tel. (31) 3224-9891

www.anvfef.com.br

Juiz de Fora - Rua Howian, 40 - Centro

São João Del Rei - Área do Círculo Militar - Centro

PRESTIGIE NOSSOS VETERANOS COM A SUA VISITA